

Cadernos  
**MUrb**  
Morfologia  
Urbana  
estudos da cidade portuguesa

## O Tempo e a Forma

2

# 7

## Pedro Martins

Arquitecto; mestre em Arquitectura com especialização em Urbanismo pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa; doutorando em Urbanismo com o tema de dissertação "A persistência das formas urbanas. Leituras das preexistências na construção da cidade portuguesa."; bolseiro no grupo de investigação FORMA URBIS Lab.

# A Fragmentação

## Do edificado monumental ao tecido urbano comum

141

*"Na história da cidade, frequentemente é criada uma relação entre o tecido e os edifícios especiais baseada no reaproveitamento..."<sup>[1]</sup>*

Maffei

### 1. Edifícios monumentais e edifícios comuns

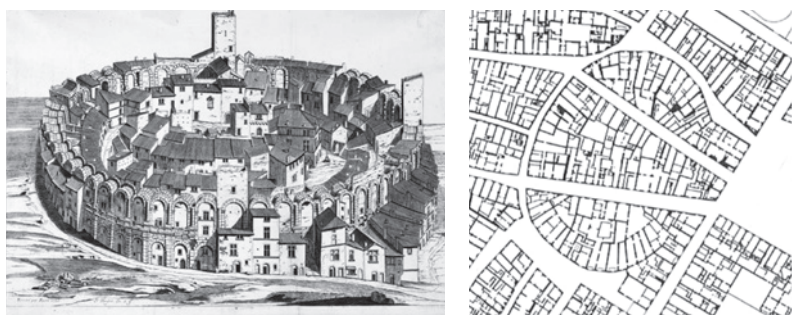
O tecido urbano é composto por uma grande diversidade de espaços, assim como de estruturas edificadas. Estas, por sua vez, caracterizam-se pela diversidade de formas e funções. Neste sentido, podemos agrupar os edifícios em dois grupos fundamentais: os edifícios comuns e os edifícios singulares ou monumentais.

Os edifícios comuns, geralmente habitacionais, constituem a grande maioria do tecido urbano. Geralmente anónimos, construídos em materiais mais frágeis e seguindo desenhos vernaculares, estes edifícios no "tempo longo" da evolução urbana são constantemente alterados, aumentados, destruídos e reconstruídos, por vezes em curto espaço de tempo e a maioria das vezes sem deixar memória.

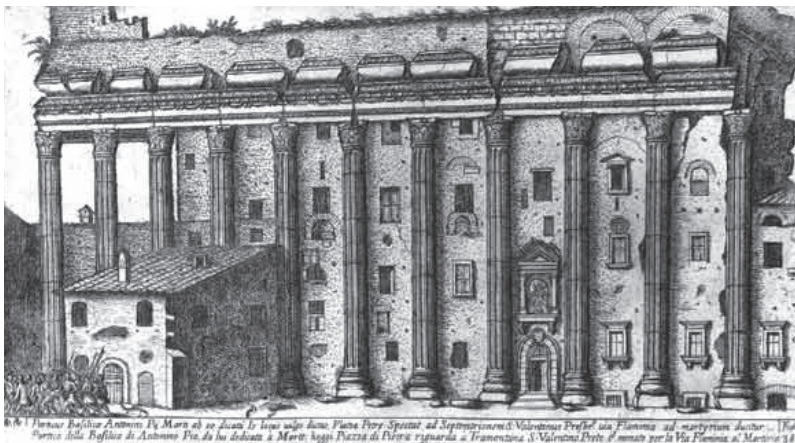
Consideram-se edifícios monumentais, ou singulares, aqueles que se destacam do tecido urbano comum pela sua forma ou pela função. Podemos associar a este conceito os edifícios de carácter público e valor colectivo, mas devem ser sobretudo considerados para os efeitos da nossa proposta os objectos arquitectónicos que apresentem uma forma erudita, pensada e projectada criticamente<sup>[2]</sup>. Edifícios cuja génese partiu da formalização de um conceito ou de uma ideia e que materializam na sua forma os paradigmas ou as utopias das culturas responsáveis pela sua edificação. Enquadramos nesta definição edifícios como os palácios, templos, conventos,

<sup>[1]</sup> "Nella storia delle città spesso se è creato un rapporto tra tessuto ed edilizia speciale basato sulla riutilizzazione..." MAFFEI et al. (2011) p. 50.

<sup>[2]</sup> MAFFEI et al. (2011).



| fig. 7.1 | Anfiteatro romano de Arles e pormenor do tecido urbano de Florença na zona do antigo anfiteatro.



| fig. 7.2 | Templo de Adriano em Roma no século. XVII.



| fig. 7.3 | Tecido urbano de Split, vestígios arqueológicos e reconstituição planimétrica do palácio de Diocleciano.

pela cidade medieval e renascentista. No entanto, enquanto algumas estruturas foram destruídas, outras, mantendo a sua função e simbolismo, foram preservadas e integradas na nova cidade que se lhe sobrepôs. Damos como exemplo as muralhas e as respectivas portas (mantidas quase intactas), o mausoléu octogonal convertido em catedral, o templo adaptado a baptistério ou o peristilo central, preservado como praça da cidade [fig. 7.3].

Em Split evidencia-se, assim, um exemplo extremo de fragmentação onde um edifício dá lugar a uma cidade. A ocupação continuada do espaço ajudou a preservar a estrutura do palácio uma vez que se veio a operar, mais do que uma aparente destruição, a transformação do edifício (ou conjunto de edifícios) numa cidade. Evidencia-se nesta situação a distinção histórico-arqueológica entre aquilo a que habitualmente se chamam “cidades-vivas” (nas quais a vida urbana se manteve de modo contínuo ainda que com declínios pontuais) e as “cidades-mortas” abandonadas na sua totalidade.

Reiteramos: a ocupação contínua e a adaptação ou transformação dos edifícios monumentais através do processo de fragmentação é um factor de preservação dos vestígios, possibilitando a leitura e interpretação das formas arquitectónicas ao longo do tempo. Pelo contrário, nos casos em que os edifícios monumentais perdem o seu valor simbólico ou a sua função, sem uma reocupação, estes tendem a desaparecer por completo, quando são progressivamente desmontados os seus elementos construtivos e utilizados para a construção de outros edifícios, tal como sucedeu no fórum romano de Conímbriga, que com o abandono da cidade foi quase totalmente destruído através da espoliação dos seus materiais construtivos. O exemplo do antigo convento de São João de Tarouca é ilustrativo da dicotomia entre destruição e preservação. Neste caso, o abandono do convento após a expulsão das ordens religiosas fez com que a alvenaria da sua estrutura fosse pilhada para a construção de habitações na proximidade. Por outro lado, a sua igreja manteve a função e o simbolismo, permanecendo intacta, fenómeno deveras comum na nossa paisagem edificada.

## 2.2 Releitura das formas urbanas do passado

Pela sua importância simbólica e cultural, os edifícios monumentais, mesmo quando absorvidos pelo tecido comum, estão geralmente bem documentados na história da cidade. Notícias da sua edificação, melhoria ou mesmo da sua demolição, transmitem-nos o percurso realizado por estas estruturas desde a sua concepção até ao seu eventual desaparecimento. A documentação histórica e arqueológica constitui muitas vezes uma fonte de informações importantes sobre os edifícios monumentais, permitindo-nos conhecer de um modo detalhado a sua forma, evolução e desaparecimento. Contudo, nem sempre a documentação existente constitui uma fonte completa para o conhecimento destes edifícios, uma vez que a história pode, por vezes ser omissa, imprecisa ou mesmo contraditória, especialmente no que respeita aos períodos mais recuados ou, por outro, lado no contexto das “cidades-vivas” em que nem sempre a arqueologia pode elucidar sobre forma dessas estruturas.

El-Rei e o Arco de Jesus. Apesar de se encontrar hoje muito adulterado, sobrevivem inúmeros fragmentos do edifício original tais como o grande cunhal de alvenaria suportando o brasão de armas dos Mascarenhas, e sobretudo o imponente portal do século XVII.

A origem do palácio estará num pequeno paço medieval conhecido como Paços do Mestre<sup>[18]</sup>, localizado junto ao Arco de Jesus na Cerca Moura. Este edifício será posteriormente conhecido como palácio do Conde de Linhares, título nobiliárquico que existiu sem interrupção entre 1525 e 1640. Neste período, os primitivos Paços do Mestre terão sofrido uma grande campanha de obras que alteraram profundamente a estrutura original, aumentando-a de tal forma que o novo palácio passou a incluir um postigo da Cerca Moura, desde então conhecido com o nome de Postigo do Conde de Linhares<sup>[19]</sup>. Com a restauração da independência em 1640, e dado o apoio do 4.º Conde de Linhares à causa Filipina, o título é extinto, passando o edifício para a posse da família Mascarenhas. O palácio seria finalmente conhecido como Palácio dos Condes de Cocolim no seguimento da atribuição do título de 1.º conde de Cocolim em Maio de 1666 a D. Francisco Mascarenhas, mantendo-se a sua estrutura virtualmente inalterada até ao sismo de 1755.

O palácio de Cocolim teria uma forma irregular, consequência da sua construção espaçada no tempo e das condicionantes impostas pelas preexistências como, por exemplo, a Cerca Moura ou os vestígios dos Paços do Mestre e do palácio do Conde de Linhares aos quais se sobrepôs. A disposição do edifício adapta estas condicionantes de modo a acompanhar os modelos palacianos vigentes na época, destacando-se uma antiga serventia entre o Postigo do Conde de Linhares e a Rua de São João da Praça, que seria integrada na planimetria do palácio para posicionar o seu “pátio de honra”, estando na origem do grande portal monumental ainda hoje visível na fachada ribeirinha.

O terramoto de 1755 terá causado a destruição de uma parte significativa do palácio; mas mais do que o sismo, o abandono do antigo paço da Ribeira pela corte, que se muda para a Ajuda, acaba por esvaziar muito do sentido das várias casas nobres e paços que procuravam no centro de Lisboa o prestígio de uma localização próxima do Paço Real. Esta mudança simbólica irá, acima de tudo, condenar ao abandono as ruínas dos vários palácios e casas nobres situados na ribeira, que, substituídos por edifícios construídos noutros locais da cidade ou da sua periferia, não mais serão reconstruídos. O palácio de Cocolim arruinado e abandonado sofre assim um processo de

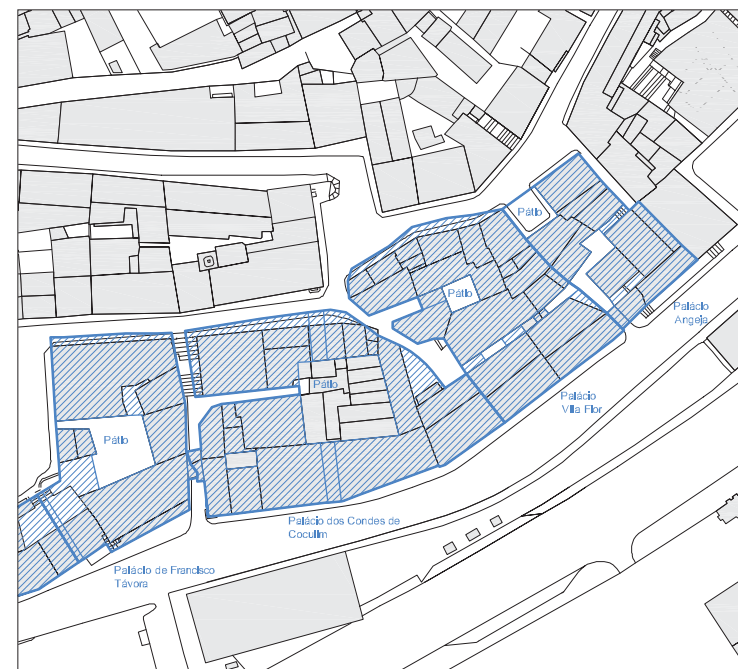
[18] Sobre a história detalhada desta zona consultar SILVA (1899), pp. 140-157.

[19] O “Postigo de Conde de Linhares” é frequentemente confundido com o vizinho “Arco de Jesus”. Esta confusão terá provavelmente origem na gravura de Lisboa do século XVI de George Braunio em que o Arco de Jesus aparece identificado como Postigo de Conde de Linhares. No entanto, na cartografia da cidade realizada por Sebastião Elias Poppe e Guilherme Joaquim Paes de Menezes em 1761, estes dois arcos surgem correctamente identificados em separado, com o nome de “Portas do Mar” e “Postigo do Conde de Linhares”.

fragmentação, no qual é dividido em diversas partes que se adaptam aos vestígios existentes para a construção de novas estruturas que ainda hoje ocupam o seu espaço [fig. 7.11].

A gravura de Pier Maria Baldi (1668-1669) representa com grande detalhe a fachada ribeirinha, permitindo-nos reconstruir o impacto da fragmentação do edifício. Esta fachada apresenta uma rigorosa composição geométrica característica do período, com 15 vãos de sacada nos dois primeiros pisos, encimados por outros 15 pequenos vãos simples num último piso [fig. 7.12]. A composição era apenas interrompida no centro pelo grande e elaborado portal em cantaria almofadada, definindo o eixo de simetria na composição da fachada. Uma fotografia de princípios do século XX apresenta-nos este conjunto fragmentado pela construção de diversos pequenos edifícios por entre os vestígios sobreviventes da antiga fachada monumental [fig. 7.13]. Finalmente, a adaptação deste espaço a armazém da firma Sommer reconstrói parcialmente a fachada segundo um modelo uniforme de dois pisos, recuperando uma leitura de conjunto que é a que se nos apresenta hoje, nas vésperas da sua conversão num hotel [fig. 7.14].

A fachada ribeirinha do palácio de Cocolim apresenta-se assim como um dos elementos em que a fragmentação do edifício assume um carácter mais expressivo; sendo nela particularmente evidente o contraste entre a erudita ordem geométrica existente antes do sismo e a irregularidade causada pela sua fragmentação [fig. 7.15].



[fig. 7.11] Palácio Cocolim sobre o tecido urbano contemporâneo. Escala 1|2000.